



Noite de luar na Régua

Anda o luar pelas portas
Anda o luar p la serra;
O luar das horas mortas
E' o pintor da minha terra.

(Phot. de Antonio Teixeira.)

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado
accresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis

Numero 241

Braga, 9 de Fevereiro de 1918

Anno V

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestatos, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

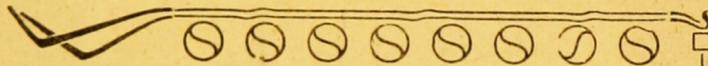
Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Aljubarrota.

Os membros eys. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações chirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do ja go sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.



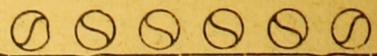
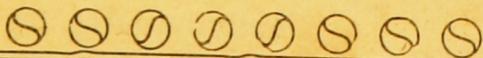
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Estampas

para enthronização do S. Coração de Jesus.
pressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 remis
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»
BRAGA

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

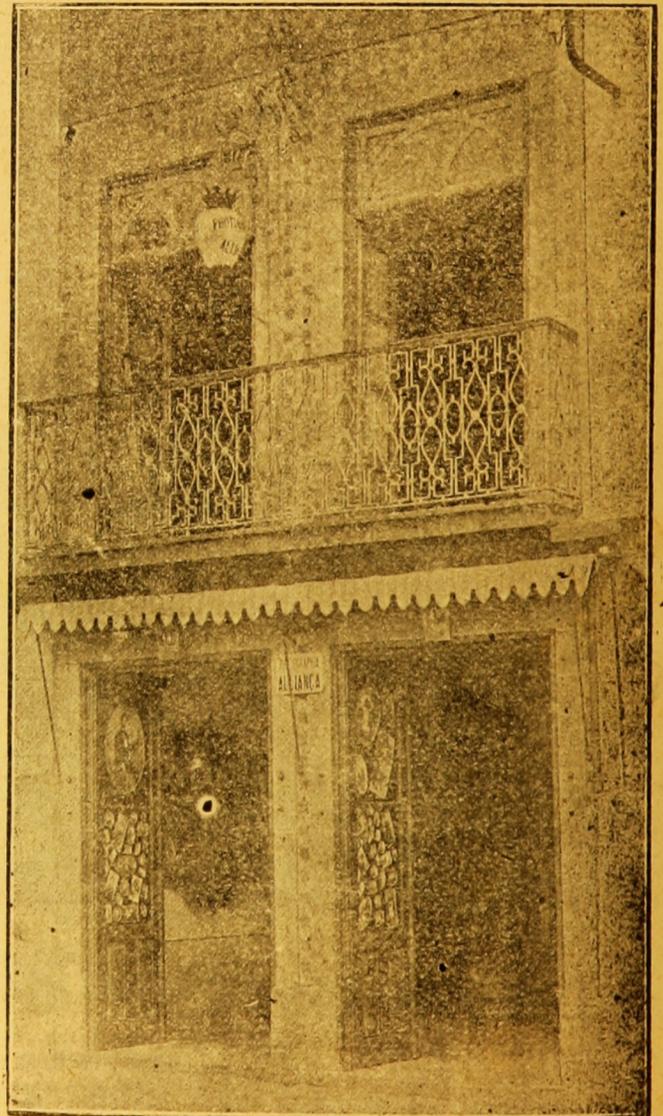
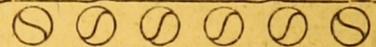
BRAGA

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manuel Joaquim Peixoto Braga

Admite alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria..



PHOTOGRAPHIA ALLIANÇA

44, Praça Alexandre Herculano, 45

BRAGA



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 9 de Fevereiro de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
83, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 241—Anno V



Wenceslau Braz

Presidente da Republica Brasileira

CHRONICA DA SEMANA

HA dias, n'um grupo a que me chegára para fallar com um amigo, encontrei-o a discutir com um sujeito que minutos depois vim a saber democratico, um democratico empregado n'uma repartição de finanças. Como quem não se sente não é filho de boa gente, e só os capazes de commetter malandrices e immoralidades olham para ellas indifferentes, envolvi-me na referta... e zanguei-me. Era fatal que me havia de zangar, porque, como eu, se zangaria quem com absoluta limpeza de mãos topasse pela frente um authentico democratico a negar todas as immoralidades que o governo e honestos inquiridores de sua confiança teem não só annuciado, mas comprovadamente demonstrado perante a opinião publica.

Para o homemsinho tudo eram anjos immaculados, a dentro das democraticas portas do corrilho, e quando se lhe apontavam numeros, factos, sem possivel sophismação, encurralava-se n'um *venham as provas* imbecil e sorria um d'esses sorrisos-bestas que estão a apontar o appendice de um cumplice de quadrilhas ou um fanatico intoleravel de cynismo.

Havia fatalmente de zangar-me, de me exaltar... e vim, a concordar com o amigo que procurára, e me disse depois avisadamente que com democraticos não se discute, como não se pôde discutir com um mongol do Tibet ou bantú do sertão africano, porque a nossa raça e a d'elles são totalmente differentes. E' exacto. E' exactissimo.

Devo notar que aquillo que mais me impressiona n'essa gente é o absoluto desrespeito que ella tem pela moral, *pela moral* sim, pela moral commum, vulgar, que põe bolizas entre o meu e o teu, a seriedade e a infamia. Ella raciocina da maneira seguinte:—em toda a parte ha escandalos politicos; os homens por elles enodoados não deixam de ser honrados!

Isto é dito assim mesmo, a frio, como um carteirista que clara deante do juiz que estava no seu direito de livre cidadão quando roubou.

E' uma raça á parte, não ha duvida, com um cerebro conformado de um modo especial e umas mãos muito diversas das nossas. A existencia de um coração dentro do peito é um problema a resolver pelos ethnologos que a estudarem.

Para elles, explicar um crime é justifica-

lo. Em França, por exemplo, seriam todos, todos, amigos estrénuos de Caillaux,—e é sabido que Affonso Costa andou de gorra com um bandido da jolda do deputado por Mamer: Bolo-Pachá. Em França, elles gritariam a Clémenceau que o negociador do Congo é a honestidade em pessoa e invocando a habil explicação que o prisioneiro da Santé dá da accumulção da sua fortuna, apresentá-lo-hiam como inteiramente justificado na sua innocencia... de plutocrata demagôgo.

Não é verdade que uma gazeta democratica de Lisboa ainda ha poucos dias apresentava Daudet como inimigo da França?...

Ouçõ dizer que lá por cima do ministério anda esvoaçando uma ave chamada *confraternização*. Não é uma pomba, symbolizando um idyllo politico á Rosseau, é um corvo dominando com a sua silhueta curva de rapinante um sudario de depredações a illuminar, e pondo na atmosphera clara d'uma libertação inesperada a negra mancha de um agoiro.

Ninguem confraternisa com bandidos. Ha honrados e deshonorados. O que não ha é semi-honorados, e semi-deshonorados.

Obsérve-se ainda que entre o democraticismo e o caillantismo se apresenta uma série de Cambiantes que no amanhã da guerra nos dizem já que Callaux pôde atirar contra os seus accusadores de hoje um argumento terrivel e perturbador. Affonso Costa é que não tem já remedio.

Elle bem o sabia quando em Coimbra ao receber a nova de que a revolução triumphára, exclamava para um dos seus jantizos civis:

—Mais valêra morrer do que cahir n'esta altura.

Elle bem o sabia e bem o sabe. Em França Caillaux só caminhará para o poste de execução se a vitoria sorrir á sua patria por tal geito que esta possa dictar, de alto, a paz á Allemanha. Enão Caillaux será fuzilado e ficará profundamente execrado. Mas se a paz fôr feita lado a lado, a França e a Allemanha ao mesmo nivel, negociando-a sobre 3 milhões de mortos, então Caillaux perguntará, indicando o celebre *documento verde*, se não seria preferivel pactuar uma paz como elle queria a pactuar depois de uma assolação guerreira de 4 annos! E o francez, sobretudo o operario, comover-se-ha, e salvará Caillaux.

Mas Affonso Costa nem sequer tem es-

ta hypothese de salvação deante de si. Fóra do poder, solto ou preso. é apenas um plebeu ricoço, rodeado de clientes, e acúsado pela policia. No poder, será a anarchia e o fim dos fins.

A ameaça que estála nos labios dos que o servem, dil' o em poucas palavras: — *A desforra será tremenda!* e se neste paiz ain'ta ha instincto de defesa e conservação a estas horas pelas aldeias, villas e cidades, cada qual deve armar-se para impedir por todos os meios que a canalha regresse e que triumphe...

Ella busca todos os meios de impressionar. Emprega-os parvoamente mas não os abandona. Hontem á noite ao *guiched* d'um

kiosque um dos seus filhos comprando um maço de cigarros de seis vintens perguntava:

— V. não o dá por um tostão? Dizia-se que o Sidonio ia pôr tudo mais barato...

— Não se diz tal. A unica coisa que se embarateceu foi a *formiga*, e ainda bem, retorquiu-lhe de prompto o vendedor, um bom velhote que ali dentro do seu kiosque viu pessar as balas da revolta da 3. de janeiro e se ria como perdido ao vêr passar outro dia no coatejo ao monumento dos precursores, no Repouso, o médico Santos Silva, surgindo agora tambem nas rareadas fileiras dos martyres, elle que declarou nos conselhos de guerra de Leixões que ... tinha sido sempre progressista!.. F. V.

A Alleluia em Jerusalem

Por Eduardo de Noronha

(Conclusão)

O fogo sagrado

 OMEÇA n'esse instante a scena pittoresca, estupenda da conjuntura. Os mensageiros pretendem voar, galgar, rachar de meio a meio a turba densa. Esta detem-n'os, suspende-os, demora-os, agarra-os, immobiliza-os, disputa-lhes os passos. Querem todos e ao mesmo tempo ser os primeiros a accender as suas velas nos fachos distribuidos na capella. O revolto oceano de rostos contrahidos, batidos de frente por luzes que augmentam constantemente de numero e de infensidade, convulsiona-se em movimentos nervosos, avança e recua, progride e retrograda, esgazeia os olhos, retrahe as feições, escancara as boccas, quer subtrahir-se ao apertão mas dilata-se no aneio de chegar primeiro. Ambiciona a primazia, corripia n'um ondear pavoroso, enfurece-se n'uma confusão de combate, ruge n'uma barafunda de lucta individual, grita, vozeia, pragueja, delira, hypnotiza-a um desejo, excita-a uma vontade, vibra n'uma aspiração dominante, egoista, irrefreavel — alcançar o fogo sagrado.

A provisão de velas de cada comparsa d'esta tragi-comedia encandesce-se n'um enorme luzeiro. Dentro em pouco transforma-se em tremula labareda, que transmite o seu poder illuminante encandescente, outros e outros fornecimentos de archotes, a tudo quanto seja susceptivel de combustão. Os desvairados do lagedo ascendem por quanto se lhes offereça degrau, saliencia, ponto de apoio, perigoso ou não, e sobem, trepam, içam-se enroscam-se até as galerias, às tribunas, aos nichos onde se equilibre

uma creatura. E' uma loucura que de todos se apossa, um arrebatamento que a todos agita. A furia assume o mais insensato accesso. E' um oceano de chammas que cresce n'uma maré impetuosa. O templo converte-se n'um formidavel receptaculo de lumes de naturezas complexas. Lá de cima não se divisam objectos nem pessoas. O resplendor amplia-se a tudo e tudo abrange. O clarão augmenta n'um fulgor de região plutonica. Inundam-se as abobadas como um diluvio de raios. A capella, em baixo, corrusca, scintilla como um diamante colossal vergastado pelas vagas do inflamado mar biblico. As linguas esbrazeadas lambem a cantaria n'uma voluptuosidade de estupendo auto-de-fé. Nenhuma apothose de magica, nenhum d'esses quadros sonhados pela imaginação fecunda de Dante no seu *Inferno*, nenhuma concepção torturante de Wagner a floresta inflamada do *Annel de Niebelung*, nenhum dos quadros da mythologia, grega, india e scandinava, nenhum d'esses monstruosos pesadelos que queimam a mente de um tresloucado com o cerebro em fusão. nada se pode comparar ao inequalavel espectáculo. Dir-se-hia que se tinha cahido dentro da cratéra de um vulcão em ebulição e que toda a materia ignea contida nas entranhas da terra se elevava n'um altear lento, mas implacavel.

Dentro em pouco tudo é fumo, nuvens que se adensam no lanternim. Os olhos perdem o poder da visão, tudo ennegrece como um enorme e luctuoso crepe que consagrasse a morte de Jesus Christo e preparasse a sua ressurreição.

SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,
EGRESSO DA FALPERRA.

XIII

Aventuras do alphabeto



Entre marido e mulher ordena o rifão que se não metta a colher, o mesmo não direi eu do H, por muito perversa que o sr. *Joavelino* supponha esta letra.

Quanto ao que observa Santo Epiphanio: *Eva*, em hebreu, pronunciado sem aspiração significar *mulher*, e com aspiração (*h*), significar *serpente*, não discuto essa afirmação do santíssimo bispo de Chypre, que além de ser hebreu, era, para o seu tempo, consummado polyglotta. São Jeronymo — a quem, mais adeante invocarei neste pleito — chama-lhe *pentaglotta*, porque falava cinco linguas: hebreu, syriaco, egypcio, grêgo e latim. Mas atrevo-me a observar por meu turno, em desaggravo das mulheres, o seguinte:

Primeiro: que êsses casos de variar a significação de uma palavra, conforme se lhe tira ou acrescenta uma letra, é tão natural, e frequente, em todas as linguas, que nenhum argumento de valor se pode sobre elle estear. No hebreu então, como não ha propriamente vogaes, o facto attinge proporções desesperadoras. A palavra *d b r* (composta das letras Daleth, Beth e Resch), (1) pronunciando-a *daabar*, quer dizer *falou, disse*; pronunciando *daabaar*, significa *discurso e coisa*; se se lêr *deber*, com ee breves, vem a ser *peste, catastrophe*, etc; dicta assim: *doober* (com o e e longos) é o participio presente de *falar, dizer*; mas pronunciado *doober* exprime: *redil, costume, navio*. Creio que basta e... sobra.

Depois: se Santo Epiphanio, e com elle o P.^e Manuel Bernardes e o sr. *Joavelino* atribuem á aspiração do h o fazer-se da mulher serpente, que diriam dos nomes de Deus em hebreu, que não só teem um *h*, como *Eloim*, mas até dois, como *Jehovah*! A pobre aspiração, em si, nada influe — e d'aqui não saio.

Por ultimo (e é a observação mais decisiva, em defesa das mulheres): quem poz á nossa primeira mãe o nome de *Eva*, com *h* ou sem *h*, não foi Deus, foi Adão! E' o que se lê nos primeiros capitulos do Genesis. Quando Deus creou a mulher, deu-lhe o nome de *mulher*, (em hebreu *isscha*) por ser tirada do homem (em hebreu: *issch*). Só depois do peccado é que Adão, já sentenciado a sair do Paraizo, deu á mulher o nome de *Eva*, que quer dizer *vida, que dá vida, vivificante*, porque havia de ser a primeira mãe de todos os homens.

Se ha defeito em o nome hebreu de *Eva*, é obra do homem, que a meu ver, e na opinião de mui ponderados theologos, na funesta desobediencia do Paraizo peccou muito mais gravemente que a mulher — como veremos num dos proximos serões.

Ora aqui é que eu chamo particularmente a attenção das senhoras para o achado com que vou proseguir em sua defesa. Se é certo, como provado fica, não ter o *h*, de per si só, influencia na transformação da mulher em serpente de pestilencial exhalção; se, a tê-la, consignada na casual variante de significação de *Eva*, em hebreu, mediante a simplas addição de um *h* — a responsabilidade caberia ao homem que lhe escolheu esse nome — observo triumphalmente que não só se não dá isso com o nome dado á mulher por Deus, mas dá-se, com esse, precisamente o contrario. Vae ver-se que o *h*, contribue poderosamente para a felicidade conjugal, se bem o entendermos, como Deus quer e o proximo deseja.

Invocarei em meu auxilio dois Abrahões e um dr. Camacho, sem ser o dr. Brito Camacho, que fui ouvir ontem ao theatro de S. Geraldo. O meu Camacho é o

dr. Diogo Guerreiro Camacho, que florescia e fructificava em Lisboa por meados do seculo XVIII. Um dos fructos desta arvore, é um veneravel calhamaço que posuo e se chama (vá o leitor lendo o titulo enquanto vou tomar um café á Brasileirã):—

Escola moral, politica, christã, e juridica, dividida em quatro palestras nas quaes tem de prima as quatro virtudes cardeaes. Na primeira a PRUDENCIA na Cadeira do Entendimento. Na segunda, a JUSTIÇA, na Cadeira da Vontade. Na terceira a FORTALEZA, na Cadeira do Irascivel. Na quarta, a TEMPERANÇA na Cadeira do Concupiscivel; dando leys a todas as Virtudes, que dellas procedem, e confutando todos os vicios, que se lhe oppoem, e dirigindo todos os actos das quatro facultades d'alma, capazes de virtudes, e vicios, Entendimento, Vontade, Irascivel e Concupiscivel, ás regras da razão; sahindo a Prudencia na primeira palestra, com hum ministro prudente; a Justiça na segunda, com um ministro Justiceiro; a Fortaleza na Terceira, com hum ministro forte; a Temperança na quarta, com um ministro temperado. Materia util, e necessaria para todo o Estado, e profissões Ecclesiasticas, e Seculares, Lisboa, etc 1759.

Se o leitor escapou ao titulo, como o auctor ao ferromoto de 1755, e teve tempo de o ler, enquanto eu saciei honestamente o concupiscivel com a chavena de negro nectar, abra a *Escola*, sente se e oiça preleccionar a *D. Prudencia*, na cadeira do Entendimento, lição XI (sobre os casados) pag. 49:

Abrahão e Sara foram excellentes casados, e Deos tirou a Sára, que antes se chamava Sarai, huma letra, e a crescentou a Abraham (que antes era Abram). Haverá paz entre os casados tirando as letras da mulher e pondo-as no marido.

Como se vê (apezar da graphia: *Sarai*) a letra que Deus deslocou do nome de Sára (que nós escreviamos Sarah) é a mesma que introduziu em Abraham, e é, precisamente, o *he*, a 5.^a letra do alphabeto hebraico, equivalente ao nosso *h*. (Vejam os curiosos o caso narrado no Genesis, cap. XVIII).

O segundo Abrahão que invoco é Abrahão bem Ezra, famoso escritor hebreu.

Notou este rabbi que na voz *isscha* (o nome que Deus dera á mulher) se contém o nome contraído de Deus (*Iah*) que é o auctor do matrimonio, e que enquanto permanece este nome no casal (e permanece enquanto os casados temem a Deus e mutuamente se amam) tambem Deus lhes assiste e os abençõa. Mas se um ao outro se odeiam, esquecidos de Deus, isto é: se das palavras *issch* e *isscha* (homem e mulher) desaparecem as letras de Deus, que são o *iod* e o *hé* com que se escreve o nome contraído *lah*—só fica, segundo a leitura hebraica, *essch*, isto é: *fogo* e mais *fogo* (em hebreu: *essch*)—fogo de desavenças e desgostos nesta vida—acrescenta o rabbi ben Ezra—e na outra o fogo eterno.

Veja o sr. *Joavelino* se é o *h* o que estraga as mulheres! Tudo vae das aspirações: se aspirarmos para o alto, para Deus, as mulheres, mesmo com *h*, são tão boas como nós, ou melhores. Se queremos passar sem Deus, se esquecidos das letras do seu nome, banimos de nossa vida, de nossos lares, as aspirações celestes, e só buscamos com a vista a terra, as mulheres então sim, até sem *h*, se não são serpentes, teem, como alguém disse, um *quid* serpentino que lhes ficou do drama do Paraizo. Somos nós, os homens, com os nomes que lhe damos, com as palavras com que as pervertemos, com as aspirações que lhe inculcamos no seio, somos nós que degradamos tanto as nossas Evas, que foi preciso baixar Deus do ceu á terra, e incarnar no seio de uma mulher, que mudasse o nome de *Eva* em *Ave*:

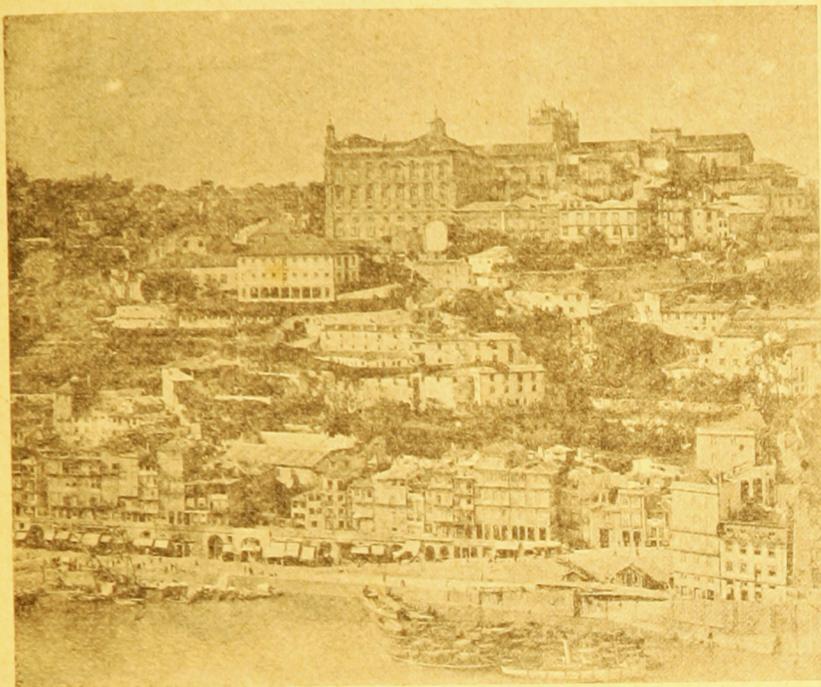
mutans Evae nomen

para com essa corredemptora reeguer a mulher dos abysmos em que a humanidade paganizada a precipitara.

Irritou-me o café. Vou tomar um chá de valeriana e dormir, que estas coisas não são para nervos de frade velho.

(1) Na typographia não ha typo hebraico. O que saiu ha dias foi mandado gravar.

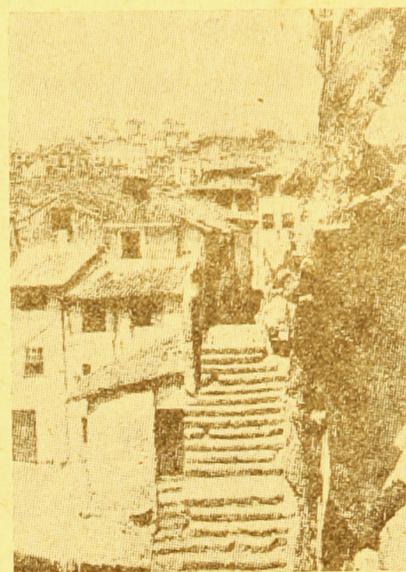
O PORTO



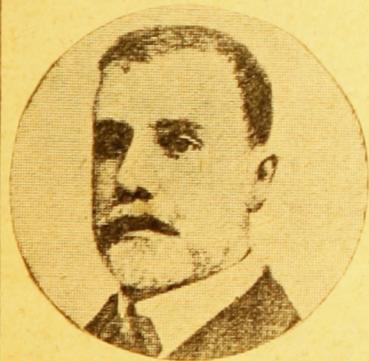
Vista panorâmica do Porto

(Phot. Telles Grillo)

Foi recentemente invadido pelo tinto exaustivo, que prudentes medidas hygienicas rapidamente debellaram.

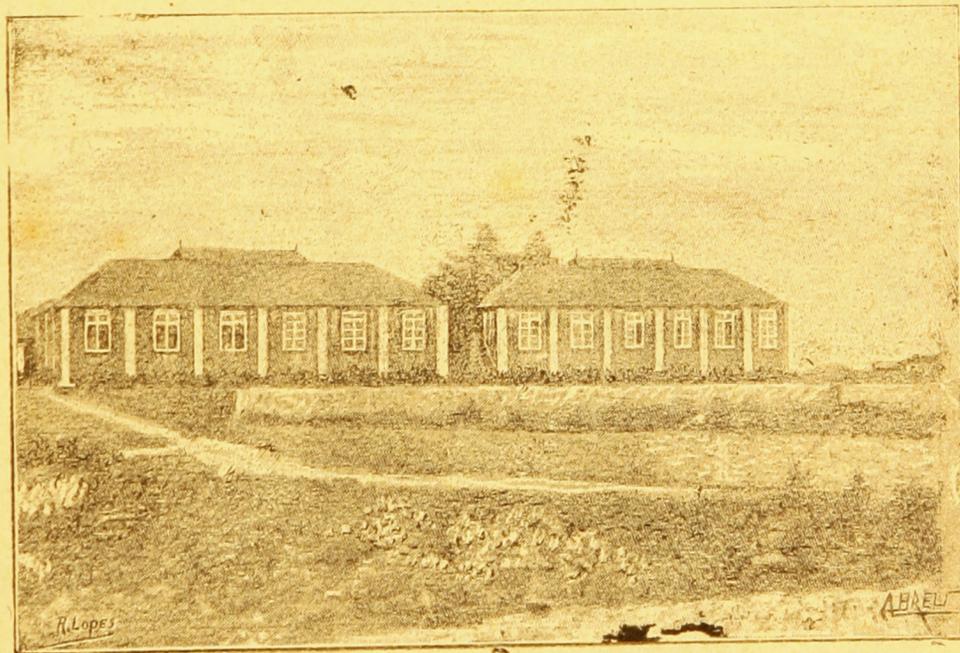


Escadinhas das Verdades.—Pitresco trecho da cidade, embora pouco asseado



TEIXEIRA GOMES

ex-ministro de Portugal em Londres demitido ha pouco, após uma entrevista com o sr. Sidonio Paes



Hospital sanitario em Guellas de Pau — (Bomfim)

Dr. José Manuel de Brito Cicio

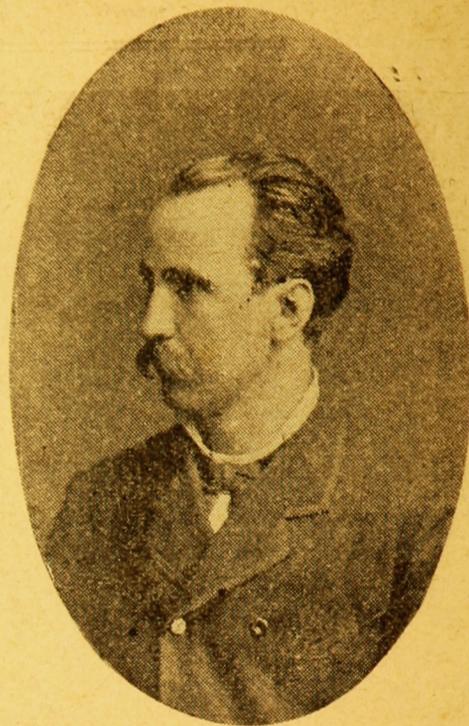
No passado dia 8 falleceu em Ponte de Lima o venerando magistrado que em vida se chamou Dr. José Manuel de Brito Cicio.

O illustre extinto gozava da maior consideração na ridente villa minhota, onde ha bastantes annos residia, desde que, sendo juiz de direito em Arcos de Val-de-Vez, passou ao quadro da magistratura, sem exercicio.

Era dotado d'uma bondade extrema, da mais fina e correcta delicadeza, alliada a uma austeridade de maneiras e de proceder, que a todos podia servir de exemplo e de lição. Era um caracter respeitabilissimo.

O seu testamento revêla a bondade da sua alma:—só aos pobres e casas de beneficencia legou oito contos,

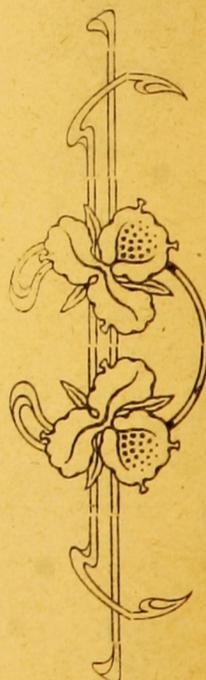
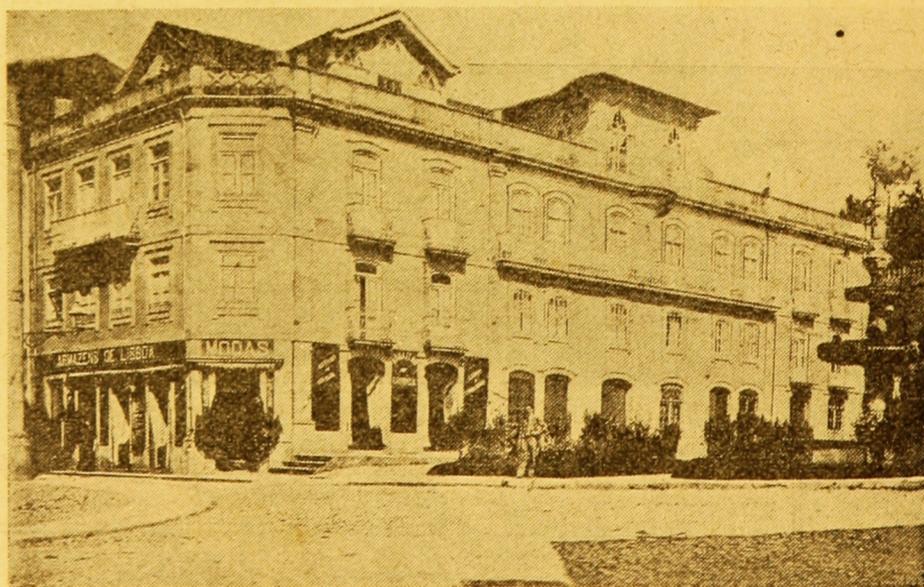
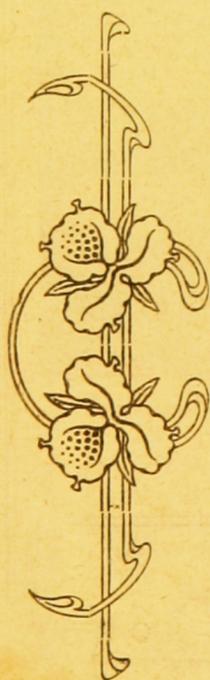
Nasceu na freguezia de Celleiros, concelho de Ponte de Lima, em 7 de fevereiro de 1840, e foram seus paes Joaquim de Brito Cicio de Castro Cogominho e D. Maria Cae-tana da Costa Pereira Lobo, senhores da importante quinta de Martim, e pessoas da melhor respeitabilidade. Tinha enviuvado ha annos da ex.^{ma} snr.^a D. Maria Amalia Mimoso de Bar-



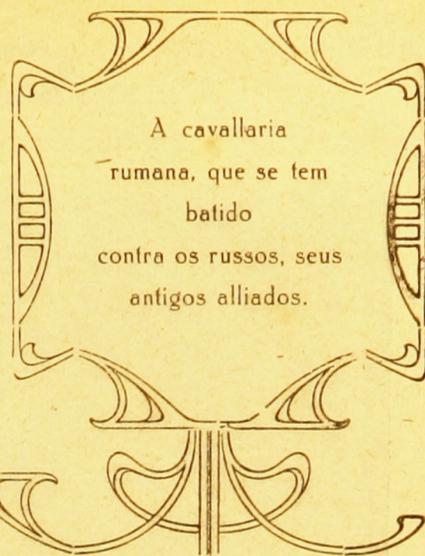
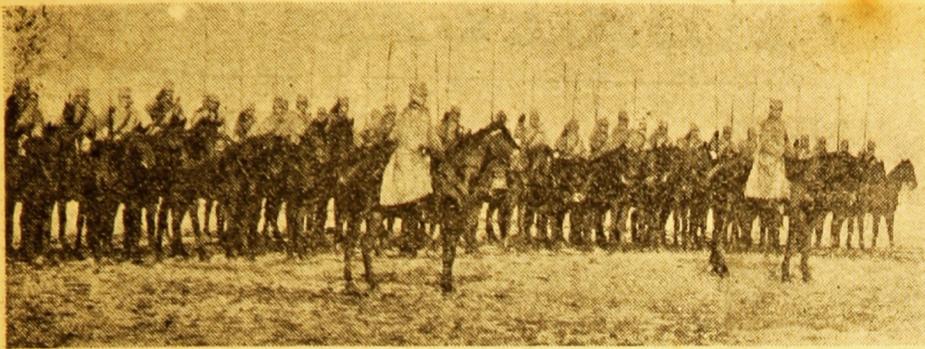
Dr. José Manuel de Brito Cicio, fallecido em Ponte do Lima.

ros Alpoim, Viscondessa de Macedo de Cavalleiros, não havendo descendencia d'este consórcio.

A *Illustração Catholica* apresenta á illustre familia do finado a expressão do seu pesár.



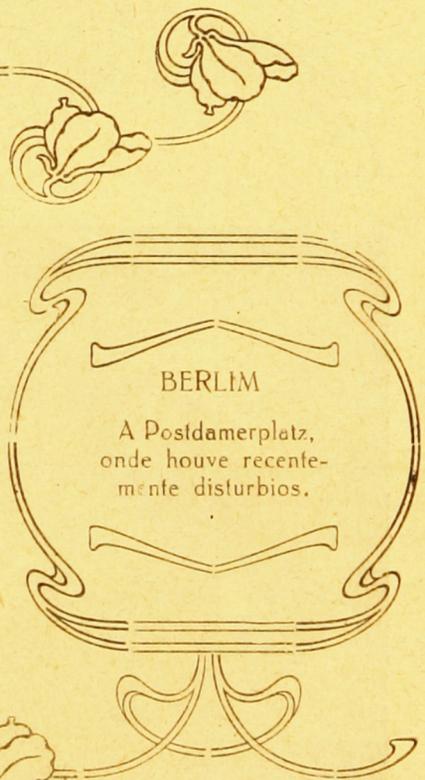
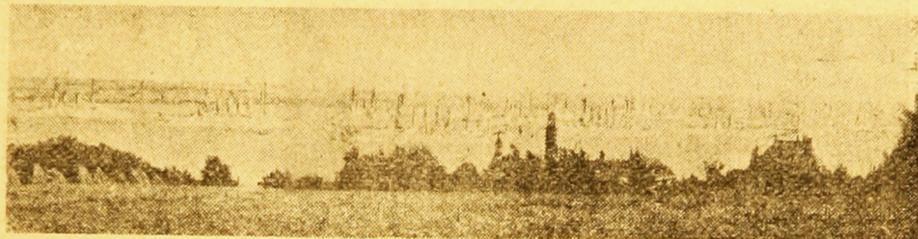
PONTE DO LIMA.—Casa em que falleceu o Ex.^{mo} Snr. Dr. José Manuel de Brito Cicio, e que pelo finado foi legado á Ex.^{ma} Snr.^a D. Maria Brito de Magalhães Lançoz d'Abreu Coutinho.



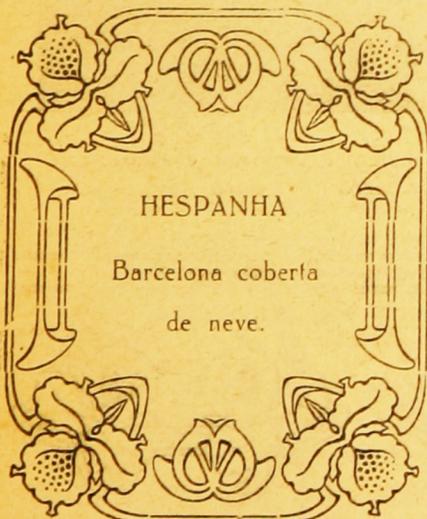
A cavallaria
rumana, que se tem
batido
contra os russos, seus
antigos aliados.



KIEL—A esquadra
alemã, onde se deram
algumas
insubordinações.



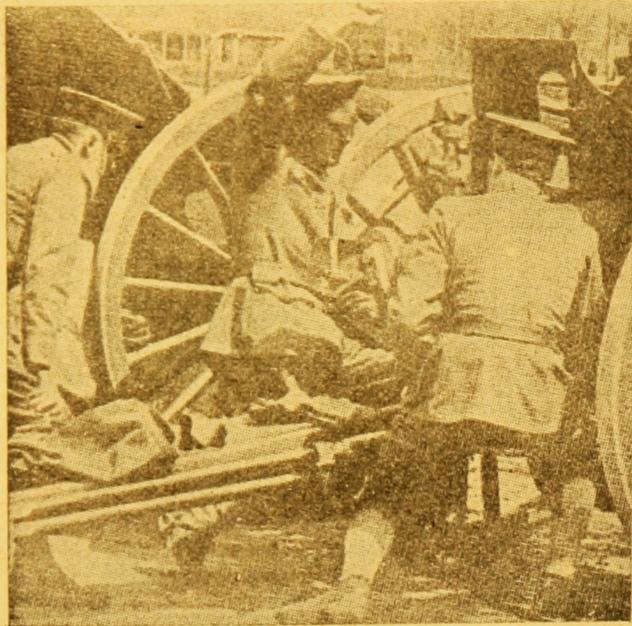
BERLIM
A Postdamerplatz,
onde houve recente-
mente disturbios.



HESPANHA
Barcelona coberta
de neve.



GUERRA



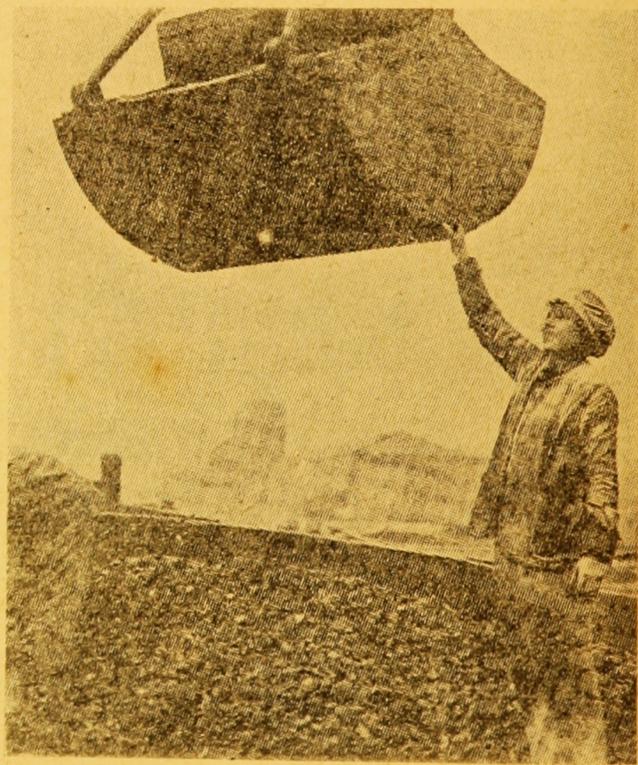
Artilharia Norte-americana



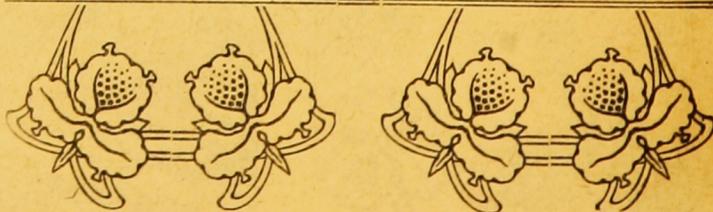
Enfermeiras da Cruz Vermelha Franceza, socorrendo um ferido



O Duque de Connaught, visita as trabalhadoras das fabricas de Munições



Uma operaria ingleza carregando carvão para um barco no Tamisa



Grupo de Signaleiros que constituíram um orpheon, intitulado «Troupe dos Charlots» para no dia 6 de janeiro de 1918 cumprimentarem os Srs. Officiaes do B. I. 8, os quaes os receberam com amabilidades e sympathias.



- 1.º Plano, deitados da esquerda para a direita — Antonio Tallaya e Motta e Luiz A. Ferraz Mattos.
 2.º Plano, sentados na mesma direcção — Antonio G. Pindella, Manoel Lopes da Silva, Raul M. Silva e Custodio Pereira.
 3.º Plano, de pé idem — Manoel d'Oliveira Campos, José Gonçalves de Sá, Antonio Correia Victoria, José Maria Leal e João Fernandes Costa.
 4.º Plano. Na esquerda — Manoel Silva Pinto. Na direita — Manoel Peixoto.

Noite de Reis nas trincheiras

Em 6 de Janeiro passado, um grupo de rapazes bracarenses, que ainda sob o fogo e a metralha inimiga não perde o calor da mocidade e o espirito de agradável bonhomia, organizaram uma excellente *rusgata* e foram com ella cumprimentar os srs. officiaes do Batalhão.

Os superiores receberam nos com caracteristica affabilidade e offereceram aos signaleiros doces e vinhos, ficando os bons rapazes penhoradissimos com o modo como foram recebidos.

Dahi dirigiram-se á *mess* dos sargentos da 3.ª companhia onde foram tambem apresentar os seus cumprimentos.

Recebidos pelo sr. Antonio Correia da Fonseca, este discursou agradecendo a gentileza e deferencia da troupe, e saudou os Signaleiros, terminando por Vivas á Patria e á Republica.

Falaram ainda os sargentos Oliveira e Anibal de S. Almeida, (antigo typographo n'esta revista), e respondendo a cada um dos discursos em nome dos Signaleiros o nosso amigo sr. Talaya e Motta agradecendo as lisongei-

rãs palavras dedicadas á troupe e fazendo votos pela victoria de Portugal.

Bebeu-se uma taça *du vin blanc*, e por fim levantaram-se vivas á Patria, e á Republica, o triumpho dos Alliados, retirando todos com saudosas recordações do dia 6 de Janeiro.

6 DE JANEIRO DE 1918

Rusga dos Signaleiros

Troupe dos Charlots

PROGRAMMA

Hymno da Brigada do Minho	1.ª Parte
Saudação—de Joel e Tallaya	2.ª .
O Cigarro—I. M. C.	3.ª .
Parodia—de Talaia e Joel.	4.ª .
Despedida—de M. Lopes Silva	5.ª .
Hymno da Brigada e Nacional	6.ª .

ORPHEON

Commissão organizadora—A. Tallaya Motta, Joel Silva e Manuel Lopes da Silva.

Regente—Manuel Lopes da Silva.

Ensaiaadores e auctores da musica — Antonio Gonçalves Pindella e Luiz Antonio Ferraz Mattos.

EXECUTANTES

Custodio Pereira, José Maria Leal, Antonio Victoria, Manoel Oliveira Campos, José de Sá, Manoel Peixoto, João Fernandes Costa e Manoel Silva Pinto.

QUADROS

XV

UMA OBRA PRIMA

A' Ex.ma Senhora D. Julita M. d'Azevedo
d'Araujo e Gama.

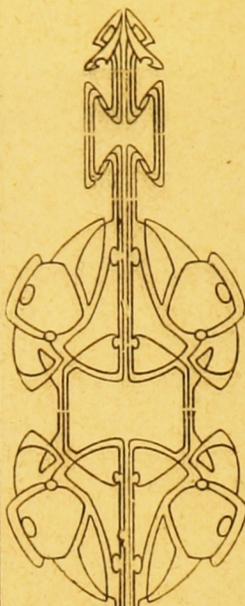
Sala vasta e soberba. Tem retratos
De fidalgas com olhos de sereias,
E nos seus collos, a lembrar obreias,
Jóias com rendas, fulgidas d'ornatos.

Vê se ao centro um varão com apparatus
De quem usou de sêda finas meias,
Deslumbrando as cidades e as aldeias
Com o verniz fulgente dos sapatos.

E ao fundo ha um retratinho tão minúsculo,
Que ninguem pensará em dar-lhe a palma . . .
Sumido, sem relevo d'osso ou músculo. . .

E, afinal, é um encanto que me acalma . . .
Quasi sem linhas, vago qual crepusculo,
E' o único que encerra um grito d'alma.

José Agostinho.



SEU NOME

a Ninguem

Seu nome faz lembrar uma harmonia,
Que cae nas almas carinhosa e doce,
Como se fosse
Doce ambrosia . . .

Ouvindo-o, o coração quêda sonhando,
Longe de toda a magua que o consome.
—Que nome? o nome
Que eu digo, orando!

Quando meus versos teem o nome d'Ella,
— Os pobresinhos! . . . — já parecem lumes!
E teem perfumes . . .
Modos d'estrella . . .

Quem seu padrinho? (que lhe tenho inveja . . .)
—Um Anjo lindo? Um vate meigo e doce?
Fosse quem fosse:
Bemdito seja!

Devo lhe o nome—o nome teu, Amada!
—Cantal-o? Oral-o?—Dar-lhe a vida ainda!
Estrella linda!
Minha Alvorada!

Crasto, Coura.

Teixeira Pinto.

AO PINCEL

A'quella fresca paragem
Vão dar atalhos, carreiros,
Por entre a verde folhagem
De silvas e sabugueiros.

Onde melhor lhes apraze
As aranhas diligentes
Tecem cortinas de gaze,
Finas, bellas, transparentes.

Mas, ai! n'esses cortinados,
Ligeiras prisões, sublis,
Pobres insectos, coitados!
Têem uma morte infeliz.

Além cavernas angustas,
Guarnecidas de festões,
Talvez moradas vetustas
Onde viveram leões.

Lagosinhos christalinos,
Com seixos, arêas d'oiro.
Junto, a relva onde as ondinas
Assoalham o seu thesoiro.

Catadupas espumantes,
Em espadanas de prata,
Tem uns murmúrios de amantes,
Sons de longinqua sonata.

As carvalhas, ventarolas
De virações e de brizas,
Ondeam, pedindo esmolos
A's serrações indecisas.

D'agua pura ténues veias
Por entre fétos e flôres
Lá vão cantando ás areias
Segredos dos seus amores.

Numa ilha verdejante,
Formada por um juncal,
Cresce amarello, brilhante,
O casto lirio do val'.

Trinam meigas philomelas
Nas laranjeiras em flôr.
Como são doces e bellas
As suas canções d'amor!

Por entre brizas ligeiras
Voam, zunem os besoiros.
Batem frescas lavadeiras
As roupas nos lavadoiros.

E n'agua fluctuam leves
As bolinhas de sabão,
Que velozes, morrem, breves,
Ao sopro da viração.

São bem o fiel retrato
Dos sonhos da mocidade:
Cahem, morrem ao contacto
Da funesta realidade!

Zulmira de Mello.

Um conto sobre episodios da guerra

Por J. Corte Real d'Albuquerque.

(Conclusão)

Lam-se dissipando as brumas da noite e uma leve claridade despontava dos lados do levante.

Vibrantes de entusiasmo os heroicos soldados escalaram as trincheiras e correram em direcção ás linhas inimigas.

Mais intensa crepitou a fusilaria, mas não obstante a indomita coragem das forças assaltantes estas tiveram de retirar ante a inesperada resistencia inimiga, deixando por em no campo algumas heroicas victimas da honra e do dever.

Maqueiros começaram na sua rude e gloriosa tarefa de recolher os mortos e conduzir os feridos.

N'isto a artilharia redobrou de violencia e a metralha varreu intensamente o campo onde jazia ainda um ultimo ferido, o nosso pobre soldado portuguez, uma perna esfacelada pelos estilhaços d'uma granada.

E ninguem tentava socorrer-o, porque era talvez a morte para o destemido salvador.

Passaram-se uns minutos de angustiante expectativa e o soldado agonisava ao abandono, sem ao menos uma voz amiga a suavisar-lhe a dôr dos ultimos momentos, ou sequer ainda os confortos da religião em que fôra creado.

De repente vê-se transpor a trincheira um vulto, a correr curvado para junto do ferido.

N'uma anciedade geral o vulto levantou o soldado agonisante e o transportou para a linha.

Chegado ali depositou o fardo e, indreitando a sua estatura de heroe, ergueu os braços para o ceu n'uma supplica fervorosa e muda.

Destacava-se-lhe sobre o peito a cruz de guerra e no braço a outra Cruz, a de Redempção e Amor.

Era um capelão voluntario que, arriscando a vida, cumpria um dever imposto pela Sacrosanta Religião, de que era Pastor.

Abnegação admiravel, da que nos deu um exemplo sublime o Martir do Golgotha no Calvario.

Transportado o ferido para a ambulancia, onde recebe os primeiros curativos, é conduzido rapidamente a um hospital aonde, em virtude do seu estado, lhe foi imediatamente amputada a perna pelo terço superior.

Dias e dias permaneceu estendido no seu leito de dôr e agonia.

A sua forte compleição de camponez conseguiu, porem, sair victoriosa da lucta com a morte, que tantas vezes lhe rondára de junto do seu pobre catre hospitalar.

Entretanto, enfraquecido pelo sangue que perdera, a sua convalescença foi demorada e difficil.

Corria o mez de março, e a primavera surgia com o seu cortejo triumphal de aromas e flôres.

O verde intensificava de côr, e a natureza despertava do seu longo sono hibernal n'uma marcha ascencional de luz e de som.

Aves trinavam n'uma sinfonia vibrante de amor e de alegria.

Helios, o sol, no seu carro de fogo, era bem agora o velho Deus de mythologia pagã.

Boreas soprava ainda do Septentrião, mas não embravecido e ululante como nos passados dias de inverno, e antes mais cadienciado e lento, como cançado do seu furioso esbravejar d'outr'ora.

O Euro vinha já tambem, n'um murmurar alacre e vivo, fazer oscilar a côma das velhas arvores e cobrir o sol com um tapete de flores.

Estamos na Paschoa e a natureza inteira parece cantar, n'um hino alegre e imenso, a Resurreição do Senhor.

O moço soldado portuguez, restabelecido já, é presente á Junta hospitalar que lhe concede a baixa por incapacidade fisica.

Inutil agora, uma perna de pau, o heroico soldado regressa ao seu paiz natal, á unica esquecida terra portugueza.

Voltemos a Portugal e á velha aldeia, situada n'um dos alcantis da sobranceira Serra da Estrela.

Despira esta já a sua cobertura de neve e toda se vestira das galas primaveras.

Ergendo-se altaeiramente, n'um vasto horisonte, os seus pinaros recortavam-se nitidamente na luminosa limpidez do azul do ceu.

Sobre o seu dorso acidentado, os velhos Herminios viam pairar as águias em seu vôo largo e magestoso.

Profundas ravinas em que se destacava o verde sombrio dos pinheiraes, aternavam com breves planicies em que predominavam a vinha e a oliveira, e onde pequenos prados e campos de centeio punham manchas claras

no tom, em geral mais escuro, da paisagem.

A' entrada da aldeia, e na aleluia, do sol poente, a entrada desdobrava-se como uma longa fita torcicolosa

Uma mulher, ainda môça, estava sentada á porta com o filho ao côlo.

O olhar alongava-se lhe pela entrada deserta, sob a luz deliquescente d'essa tarde de primavera.

Na fisionomia a expressão de resignada paz, parecia esperar alguém que, para o seu coração inquieto, tanto tardava já.

Na volta da estrada um vulto sugiu, apoiado a um bordão.

Nas faces, d'uma energia mascula e viril, resaltava o sentimento d'um jubilo intimo e profundo.

Avançava, o olhar comovido e brilhante,

e ao distinguir a mulher n'um grito de alegria e amor dos labios lhe fugiu.

Maria!...

Esta, reconhecendo então no caminheiro o marido anciosamente esperado, vibrante de emoção correu ao seu encontro e, estreitando-o n'um longo amplexo de saudade e paixão, os labios tremulos apenas murmuraram.

João!...

O heroico mutilado, o pranto a aljofrar-lhe as faces, beijou ardentemente a mulher e o filho e, escutando entre lagrimas o chalar do pequenito, juntos lá foram em caminho do seu lar, aonde a paz e a alegria de novo voltaram com o regresso do querido ausente

E ao domingo, no adro da velha igreja os habitantes da aldeia escutavam, com interesse e carinho, a historia do pobre João

Anecdotas historicas

Ditos e pensamentos

Sobriedade de Alexandre

ROMPENDO triunphantemente pela Asia foi Alexandre Magno recebido pela princeza Acla com um sumptuoso presente das mais finas iguarias orientaes. O conquistador devolveu á princeza o presente com estas palavras:

—O meu mestre Leonidas ensinou-me que para almoçar com appetite bastava levantar-me cedo e praticar alguns exercicios, e que para jantar bem convinha almoçar parcamente.

A immortalidade

Ticiano, o grande pintor da escola veneziana, pintando pela terceira vez ao imperador Carlos V, disse-lhe:

—Repare Vossa Magestade que é pela terceira vez que recebo a distincta honra de o pintar.

—Sim, é pela terceira vez que de vós recebo a immortalidade.

Luiz de Camões

Combatendo com os mouros Luiz de Camões perdeu um olho, no que elle depois chamava n'uma carta *manequim d'um olho*.

Um dia um fidalgo encommendou-lhe uma peleja com certo individuo tambem cego d'um olho, mas tão rija que o outro não mais se levantasse.

Camões fingiu acceitar a missão mas não mais se importou de a cumprir, o que o fidalgo lhe exproboou azedamente. Respondeu-lhe assim:

Logo lhe não vi bom geito,
Quando vo-lo dei por morto;
Porque torto matar torto,
Não me parece direito.

De outra vez Luiz de Camões encontrou-se com o duque de Aveiro, que se despediu d'elle promettendo mandar-lhe, para jantar n'esse dia, uma gallinha. O duque só no fim do jantar se lembrou da promessa, já não havia gallinha mandou-lhe uma peça de vaca, que Camões agradeceu com estes versos:

Já eu vi taberneiro
Vender vaca por carneiro,
Mas não vi, por vida minha,
Vender vaca por gallinha,
Senão ao duque d'Aveiro.

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas:—CRUZ LIVRARIA

Casa fundada em 1838

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.
EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.
EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.
EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*
Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

OFFICINAS

—DE—

Esculptura em Madeira

—E—

PINTU A Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

Preços modicos

Contra riscos e guerra ferrestres
e marítimos, grèves, tumultos e roubos.
segura a *Companhia Luzo-Brazileira*
de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-
to Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-
a de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.º BRAGA

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concer-
tos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Har-
moniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria,
optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.^a

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588 — RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa.
Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officina de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.^e Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA